

O DESPERTAR DO GOSTO PELA LEITURA: UMA BIBLIOTECA COM SABER E SABOR

AWAKENING THE PLEASURE OF READING: A LIBRARY WITH KNOWLEDGE AND FLAVOR

ANDRÉ, Bianka Pires¹
AZEVEDO, Samara Moço²
SILVA, Rosilani Balthazar da³
SILVA, Camille Auatt da⁴
CURTY, Layra do Espírito Santo⁵

RESUMO

O objetivo deste artigo é compartilhar os resultados de um Projeto de Extensão realizado em uma Escola Municipal em Campos dos Goytacazes, com alunos do 6º ao 9º ano, durante o ano de 2013. O Projeto tinha a finalidade de, além de montar uma biblioteca, analisar o tipo de relacionamento que os alunos desenvolviam com a leitura. Os dados foram recolhidos através de observação em sala de aula, questionários e realização de atividades que estimulassem a leitura. Os resultados mostram que a leitura não pode ser considerada uma atitude passiva de decodificação de palavras, mas precisa ser estimulada pela família e pelos professores através de “modelos de leitura”, assim como pela liberdade e flexibilidade da escolha de temas.

Palavras-chave: Leitura; Ensino Fundamental; Alunos; Biblioteca.

ABSTRACT

The purpose of this article is to share the results of an Outreach Project carried out in a Municipal School in Campos dos Goytacazes with 6th to 9th grade students during the 2013 school year. The project intended both to set up a library, as well as to analyze the type of relationship that students developed with reading. Data were generated through classroom observation, questionnaires and activities that stimulated reading. The results show that reading cannot be considered the mere passive decoding of words, but an activity that needs to be stimulated by family and teachers through “reading models”, as well as students’ freedom and flexibility to choose the themes they want to read.

Keywords: Reading; Elementary School; Students; Library.

1 Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona.

E-mail: biankapires@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. E-mail: samara.moco@gmail.com

3 Aluna do curso de Mestrado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF.

E-mail: rosilanibalta@hotmail.com

4 Aluna do curso de Mestrado da Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. E-mail: camilleauatt@yahoo.com.br

5 Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense – UENF. E-mail: layracurty@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No auge da segunda década do século XXI, vivemos numa sociedade em que a cultura letrada vem perdendo espaço para a cultura da imagem de forma surpreendente. Se antes nos queixávamos que o povo brasileiro lia pouco, hoje continuamos a nos queixar que nossos jovens não tem o hábito da leitura. E com o avanço das novas tecnologias, este quadro poderia se ver ainda mais afetado.

No entanto, de acordo com Kato (1990, p. 26), a “Leitura é condição essencial para que se possa compreender o mundo, os outros, as próprias experiências e (...) torna-se imperativo que o aluno desenvolva habilidades linguísticas para que possa ir além da simples decodificação de palavras”.

Nesse sentido, Soares (2013) entende o ato de ler como um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Não são categorias polares, mas complementares: ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos. Portanto, saber decodificar as palavras de um texto sem entendê-las ou saber interpretá-las não pode ser considerado um ato de leitura, conforme apontam alguns teóricos, como Geraldí (2011), Freire (2009) e Soares (2000).

Segundo a ONU, só há leitura quando: 1) ler é uma tradição nacional; 2) o hábito de ler vem de casa; e, 3) são formados novos leitores. E nesses critérios mencionados o Brasil ainda deixa muito a desejar.

Dessa maneira, enquanto houver desinteresse pela leitura, a começar por muitos pais e professores, nossos alunos e alunas continuarão, de certa forma, “privados” de compreender melhor o mundo, de se conhecerem plenamente e de desenvolverem habilidades linguísticas, como afirmou Kato (1990).

Entendemos, assim, a importância da universidade tanto para formar bons professores, através de seu ensino, como contribuir diretamente para a melhoria da educação básica, por meio de projetos de extensão. A partir desta demanda específica, surgiu o desejo de fazer um projeto que criasse ponte entre a universidade e a escola, tendo a leitura como foco. Segundo Severino (2007),

A extensão se torna exigência intrínseca do ensino superior em decorrência dos compromissos do conhecimento e da educação com a sociedade, uma vez que tais processos só se legitimam, inclusive adquirindo sua chancela ética, se expressarem envolvimento com os interesses objetivos da população como um todo. O que se desenrola no interior da universidade, tanto do ponto de vista da construção do conhecimento, sob o ângulo da pesquisa, como de sua transmissão, sob o ângulo do ensino, tem a ver diretamente com os interesses da sociedade. (SEVERINO, 2007, p. 31)

O Projeto “Saber e Sabor: o relacionamento de alunos do ensino fundamental com a leitura”, financiado pelo Programa da FAPERJ (Processo E-26/112.273/2012) de “Apoio à melhoria do ensino em escolas da rede pública do Estado do Rio de Janeiro”, surgiu como tentativa de fomentar o interesse pela leitura em alunos de uma escola no centro da cidade de Campos dos Goytacazes, na Região Norte Fluminense do Rio de Janeiro.

O Projeto contou com uma ação investigativa, cujo objetivo principal era conhecer o tipo de relacionamento dos alunos desta escola com a leitura, e, por outro lado, com uma ação prática e extensionista, organizando uma biblioteca dentro da escola, a fim de que os alunos, pelo menos, pudessem ter a oportunidade de conhecer o mundo por outros vieses.

A escolha da realização do Projeto neste Centro Educativo esteve relacionada a questões sociais, políticas e educacionais que envolviam a referida escola e, principalmente, pelo interesse no fortalecimento de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Vale destacar que se o IDEB de 2011 do Rio de Janeiro foi um dos mais baixos do país, segundo o INEP/MEC/2012, as escolas públicas de Campos dos

Goytacazes estavam ainda entre os índices mais baixos nesta projeção. O IDEB de 2011 deste Centro Educativo foi de 2,3 e estava bem abaixo da média se comparado com o IDEB de Campos, que foi de 3,4. Por outro lado, era ainda menor se comparado com o IDEB do Rio de Janeiro, que foi de 4,8. Em 2013, o IDEB do Rio de Janeiro foi 4,9, de Campos foi 3,2 e o da escola pesquisada foi de 2,9.

A partir do exposto, o objetivo deste artigo é compartilhar como o projeto de extensão foi desenvolvido através da criação de uma biblioteca escolar e divulgar alguns dos resultados da pesquisa por meio das experiências que os alunos e alunas foram construindo com a leitura.

METODOLOGIA

O presente projeto foi realizado a partir de ações simultâneas, já que o objetivo inicial era tanto montar uma biblioteca, através de um espaço já existente com livros empilhados, como fomentar a leitura por meio de atividades lúdicas e analisar o relacionamento dos alunos com a leitura, com base nas atividades e assiduidade à nova biblioteca.

A pesquisa foi desenvolvida ao longo do ano de 2013, com alunos do 6º ao 9º ano do turno da manhã, que totalizavam 396 alunos do total de 765 matriculados. Depois de um primeiro momento de observação e realização de atividades nas aulas para conhecer o perfil dos alunos, foi aplicado o primeiro questionário. Em um segundo momento, depois da abertura da biblioteca e realização de outras atividades, foi aplicado o segundo questionário, ao final do ano, para saber como eles haviam se relacionado com a leitura. Para a pesquisa, foi contabilizado apenas os alunos que haviam respondido os dois questionários previstos para o estudo. No primeiro questionário, tivemos a participação de 254 alunos, no segundo 202, e na média final apenas foram contabilizados os dados de 161 alunos participantes.

Os alunos tinham idades compreendidas entre 10 e 18 anos. O percentual de alunos mais velhos entre 16 e 18 anos (alunos repetentes) totalizava 10% da amostra (16 alunos). A maioria dos alunos estava com 14 anos (22% - 36 alunos), seguidos dos de 13 anos (18% - 29 alunos), dos de 15 anos (14% - 22 alunos), dos de 12 anos (13% - 20 alunos), dos de 11 anos (11% - 18 alunos) e os de 10 anos (1,2% - 2 alunos).

Existiam algumas turmas só com alunos repetentes, que eram apontadas como turmas “problemas” e, por este motivo, muitos professores preferiam trabalhar nas turmas com o menor número de repetentes possível. Porém, ao longo da realização de atividade nas turmas, o grupo da pesquisa foi percebendo que, mesmo que os alunos tivessem dificuldades com a leitura, na verdade a maioria deles se mostrava desmotivado e desinteressado com sua vida escolar.

No entanto, era notório o interesse deles quando íamos realizar atividades que não eram no formato de suas aulas regulares. As atividades eram feitas em grupos e sempre traziam alguma novidade, como uso de música, poesia, objetos inusitados, cuja finalidade era a aproximação destes alunos ao mundo da leitura e da produção de textos. Apesar das dificuldades pessoais, pudemos notar que muitos alunos tinham potencial para ser muito melhores do que realmente estavam sendo.

Vale a pena destacar que o perfil dos alunos deste Centro Educativo estava caracterizado por um público que vivia em distintas partes rurais e urbanas de Campos, por isso estudavam em uma escola localizada na região central da cidade. As famílias

geralmente eram numerosas, e a renda dos pais, tendo em vista as profissões descritas no questionário, não era muito alta.

A ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

Uma biblioteca pode ser considerada um espaço organizado com diversos materiais informativos, onde pessoas possam fazer consultas e empréstimos. Contudo, o objetivo de uma biblioteca não é apenas “guardar livros”, mas sim, proporcionar o contato das pessoas com a literatura através da criação de um espaço de convivência, de debate, de reflexão e de fomento à leitura.

Assim, nossa expectativa era poder montar um espaço onde os alunos e alunas do Centro Educativo pesquisado pudessem ter acesso a diferentes literaturas. Almejávamos também um espaço reservado para pesquisarem e estudarem, já que a estrutura da escola não possuía um ambiente deste porte anteriormente.

Durante cinco meses estivemos preparando a sala destinada para a biblioteca: limpeza, pintura, organização e retirada dos livros e objetos excedentes, além da compra de mobiliários, computadores e impressora. Durante este tempo, muitos alunos curiosos chegavam à sala que era chamada de “biblioteca”, porque concentrava todos os livros didáticos da escola, e perguntavam o que fazíamos ali. Explicávamos que tínhamos a intenção de fazer uma biblioteca e os alunos olhavam com expressão ora de alegria e surpresa, ora de descrédito e admiração. Era de se esperar tais reações, tendo em vista todo o trabalho que tínhamos pela frente, como se pode observar a seguir.

Figuras 1 e 2: Foto da Biblioteca Antes



Fonte: Dados da Pesquisa

No entanto, outros alunos mais críticos diziam: “*aquilo não é uma biblioteca, é um depósito*”, mostrando parte de sua indignação pelo mau uso do ambiente. Dessa forma, podemos notar que um espaço apenas com uma concentração de livros não pode ser considerado uma biblioteca. Uma biblioteca escolar é um lugar privilegiado onde os alunos possam desenvolver habilidades tanto de formação e investigação, quanto de convivência com os colegas. Por isso, a urgência de criação de bibliotecas nas escolas, como previsto pelo Projeto de lei 12.244/2010 de 24 de maio de 2010, com uma média de pelo menos um livro por aluno matriculado.

Neste sentido, o Projeto teve grande dificuldade de realização, porque a verba aprovada não contemplou o item para compra de livros. Foi quando tivemos a ideia

de fazer uma parceria com a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Instituição que abrigou o Projeto, e montar mais uma ação extensionista envolvendo diretamente a Instituição no Projeto, através da doação de livros por parte de toda a comunidade Uenfiana.

Estabelecido o desafio de conseguir livros para a biblioteca, fizemos uma campanha de marketing para formar um acervo que estivesse em bom estado, fosse atrativo e relacionado com o universo juvenil. A ideia era obter livros recentes, best sellers, e que tivessem causado certo impacto na comunidade leitora internacional. Conforme destaca Godoy e Armelin (2011, p. 70), “um primeiro passo para desenvolver o gosto dos leitores iniciantes é colocá-los em contato com muitos textos de boa qualidade”, o que “significa também levar em conta os valores estéticos da obra (linguagem criativa, sugestiva, fluente, temas interessantes ou intrigantes, inventividade no jogo das palavras, potencial lúdico e outros), o respaldo da crítica e, sobretudo, a receptividade dos leitores a quem a obra se destina”.

Entretanto, não haveria problemas se recebêssemos os clássicos da literatura brasileira, por exemplo, mas queríamos livros que, em um primeiro momento, despertassem o interesse dos adolescentes, os quais denominamos “literatura isca”, porque a partir daí o caminho para os clássicos seria bem mais curto.

Foi lançada, então, a campanha: “Patrocine Sonhos: Doe Livros”. Como a intenção era conseguir livros renomados e interessantes, fizemos um apelo para a comunidade de alunos, professores e funcionários da UENF, com faixas nas entradas da instituição, solicitando a doação de livros que tivessem marcado a vida dos leitores e que pudessem também marcar a vida dos alunos e alunas participantes do Projeto.

A campanha foi divulgada na página oficial da UENF, no Facebook, através do perfil “nosnaescola”, e usamos também estratégias mais clássicas, colando cartazes por todos os prédios da UENF. O resultado foi surpreendente. Recebemos mais de 500 livros com temas diversos. Vale destacar como exemplo um professor do curso de Biologia, que logo na primeira semana da campanha, que durou um mês, nos brindou com cerca de 30 livros, como a coleção do Harry Potter, Crepúsculo, O Código Da Vinci, entre outros livros lacrados. Percebemos que o importante da campanha estava sendo a qualidade dos livros e não a quantidade.

Figura 3: Foto dos Livros Arrecadados



Fonte: Dados da Pesquisa

Após a arrecadação dos livros, fizemos outra empreitada, desta vez para sua catalogação. Por ser um trabalho muito técnico e específico, contamos com a colaboração da bibliotecária de um dos Centros da UENF (CCH), que desde o início aceitou fazer parte da equipe do Projeto. Depois dos livros arrecadados, tivemos algumas reuniões com a bibliotecária, que preparou um material para nosso grupo de pesquisa, com o passo a passo para catalogar e com toda a numeração oficial necessária.

Mandamos confeccionar um carimbo e uma ficha catalográfica especialmente para a biblioteca da escola. A bibliotecária nos cedeu outras fichas catalográficas, que usamos como ficha de inscrição para cada aluno que quisesse se registrar para usar a biblioteca. A ficha abria campo para registro do nome, telefone, turma e idade do usuário. A ideia inicial era fazer toda a catalogação diretamente em um programa para bibliotecas. Mas como os programas encontrados funcionavam de forma online, e a escola ainda tinha dificuldades com a rede, optamos por fazer o catálogo manual para inaugurar a biblioteca e depois conversar com o diretor para saber as possibilidades de conseguir uma internet melhor.

Figuras 4 e 5: Fotos Catalogação dos Livros



Fonte: Dados da Pesquisa

A dinâmica que desenvolvemos foi montar uma caixa com o cadastro dos alunos, uma caixa com a ficha de todos os livros cadastrados e uma terceira caixa que seria a união da ficha do aluno com a ficha do livro. Se houvesse mais de um aluno com o mesmo livro, o procedimento era de colocar a ficha do aluno presa com a do livro. Na devolução, cada ficha voltava para sua caixa de origem. Para controle, fizemos também um livro de registro contendo o nome do aluno, turma, título do livro, data de retirada e data prevista para a entrega do livro. Decidimos que os alunos podiam pegar apenas um livro por vez e teriam prazo de uma semana para devolvê-lo ou, ainda, renová-lo por mais uma semana.

Figura 6: Foto Biblioteca Inaugurada



Fonte: Dados da Pesquisa

Vencidas todas as etapas de organização, a Biblioteca Saber e Sabor foi inaugurada no dia 4 de setembro de 2013. A expectativa era grande tanto por parte da escola, como por parte também da nossa equipe. A cerimônia de abertura foi bem simples. O Diretor reuniu alguns alunos em uma sala e discorreu um pouco sobre suas experiências pessoais com a leitura, falou do Projeto e da importância que a biblioteca poderia ter na vida de cada um deles. Depois, a Coordenadora do projeto apresentou toda a equipe, agradeceu o trabalho incansável de cada uma das bolsistas e também proferiu algumas palavras de incentivo aos alunos, levando-os a refletir sobre o tipo de vida que eles gostariam de ter no futuro e como a leitura poderia ajudá-los a se descobrirem.

AS ATIVIDADES REALIZADAS

Como foi mencionado no início deste artigo, apenas um espaço com livros, por melhor que seja – pela estrutura e pela variedade de títulos –, não é o suficiente para estimular os alunos e muito menos o suficiente para formarmos leitores. Dessa maneira, ao longo do Projeto tivemos também a preocupação de realizar algumas atividades para incentivar estes alunos. Sabemos que existe uma dificuldade no estímulo da leitura tanto por causa da obrigatoriedade que se estabelece em muitas escolas, como pela condução de atividades que não são atrativas, causando certa passividade muitas das vezes. Outra problemática, nesse sentido, é a pouca liberdade para a escolha de um título que seja agradável ao aluno e não imposto pelo professor ou pela família.

Para que houvesse uma aproximação entre os alunos e o mundo da leitura, realizamos as seguintes atividades:

- **Tenda da Leitura** – Após arrecadar os livros e antes de abrir oficialmente a biblioteca, durante alguns dias, montamos uma tenda no pátio da escola para que os alunos já fossem tomando contato com os novos livros e também pudessem ser estimulados pela curiosidade, pelo manuseio, pela troca e pela interação entre eles e o livro. Eles podiam ler no pátio, mas ainda não podiam levar o livro.
- **Quebra-cabeça musical** – Para não assustar os futuros leitores com atividades muito densas, misturamos música e poesia. Escolhemos músicas que tratavam da temática do tempo, como “Tempos Modernos”, de Lulu Santos, e poesias que também tinham a mesma temática, como “Tempo”, de Drummond, e “As pontes que você irá encontrar”, de Nietzsche. A letra da música foi recortada por verso e misturada em um envelope. Depois de ouvir a música, os alunos tinham apenas que montar o quebra-cabeça em seus grupos. Após o quebra-cabeça montado, fizemos uma ponte com as poesias e também com a vida pessoal deles, perguntando o que eles planejavam para o futuro.
- **Baú da imaginação** – Para esta atividade levamos um baú com objetos e cada aluno sorteava um objeto. Em grupos de 4 ou 5, eles tinham que escolher um conto e recontá-lo utilizando os objetos. Ficamos muito surpresas com a capacidade criativa de alguns grupos.
- **Concurso literário** – Nossa última atividade foi a produção de texto. Fizemos um concurso no final do ano para toda a escola, com direito a banca examinadora e medalhas de participação. Apenas 15 alunos participaram com seus textos, mas a qualidade dos mesmos foi muito boa. O turno da manhã inteiro esteve presente e foi um momento de confraternização. A aluna vencedora escreveu um conto com, aproximadamente, 3 páginas.

Foi muito interessante notar o comportamento dos alunos durante as atividades. Eles sempre começavam mais desanimados, com certo descaso e no final estavam mais estimulados e produziam bons textos e discussões. Este desânimo também era reflexo de uma rotina escolar que costumava privilegiar mais as aulas expositivas, a cópia e a pouca participação dos alunos, como foi observado durante o tempo que estivemos nas salas de

aula. Segundo Silva (2007),

Para que todos os alunos continuem a desenvolver a aprendizagem, é preciso que o professor oportunize uma interação, socialização e valorize as diferenças, bem como criar condições para que o aluno se sinta estimulado. De maneira lúdica diversificada e dinâmica, contextualizando com a realidade a qual está inserido. (SILVA, 2007, p.71)

Dessa forma, se faz necessário trabalhar não somente a leitura, mas todo tipo de conteúdo, através de atividades que colaborem de forma mais ativa e prática com a aprendizagem dos alunos. E, por mais que seja trabalhoso, cabe ainda ao professor este tipo de trabalho. Só o livro, só a biblioteca, só o quadro de giz, ou mesmo as novas tecnologias, não são suficientes para proporcionar aos alunos experiências de aprendizagem que vão gerar um sentimento de sucesso e de realização.

Toda atividade bem planejada e adequada ao nível do aluno pode colaborar com sua melhor aprendizagem e favorecer novas experiências de êxito escolar, ao contrário de apenas gerar um sentimento de fracasso, como temos presenciado.

ANÁLISES E RESULTADOS

A partir das observações realizadas nas salas de aula, dos questionários aplicados, das atividades propostas e da abertura da biblioteca, pudemos analisar como estavam sendo construídas as experiências dos alunos com a leitura. Um dado interessante foi constatar que 51% dos alunos afirmaram que preferiam realizar suas leituras no formato digital, 23% no formato impresso e o restante não o fazia em nenhum formato, ou não responderam. A leitura no formato digital é fruto da sociedade moderna e tecnológica que vivemos. A escola também deveria aproveitar esta oportunidade para estar mais próxima de seus alunos.

Nesse sentido, Galli (2012) afirma ser necessário que o professor se aproprie das Novas Tecnologias e faça uso delas para auxiliar seus alunos em relação à seleção das informações adquiridas por este meio, possibilitando uma reflexão sobre tais informações, para que os educandos adquiram seus conhecimentos a partir da capacidade crítica e não aceitem tudo o que leem como verdade absoluta.

Em relação ao acesso aos livros, foi possível perceber que, dentro de um quantitativo de 161 alunos, apenas 12% (19 alunos) afirmaram não ter acesso direto a livros. A grande maioria, 35% (56 alunos), afirmou ter acesso aos livros através da compra. Ainda, 25% afirmaram pegar livros emprestados (41 alunos), 2 % recebem doação (3 alunos), 19% pegam na biblioteca (30 alunos), e 12% (19 alunos) não têm acesso a livros, como citado anteriormente. Os dados mostram que, na verdade, 58% (93 alunos) não possuem acesso direto a livros, muitos precisam de uma fonte intermediária para realizar suas leituras.

A falta de acesso direto aos livros, até mesmo por ser um artigo de “luxo”, se considerados os preços elevados do mercado livresco, pode ser um motivo para a falta de relacionamento com a leitura. Para fomentar o hábito da leitura, seria interessante o relacionamento começar desde cedo, quando a criança é estimulada pela leitura feita pela mãe, como sugere Abramovich (1993).

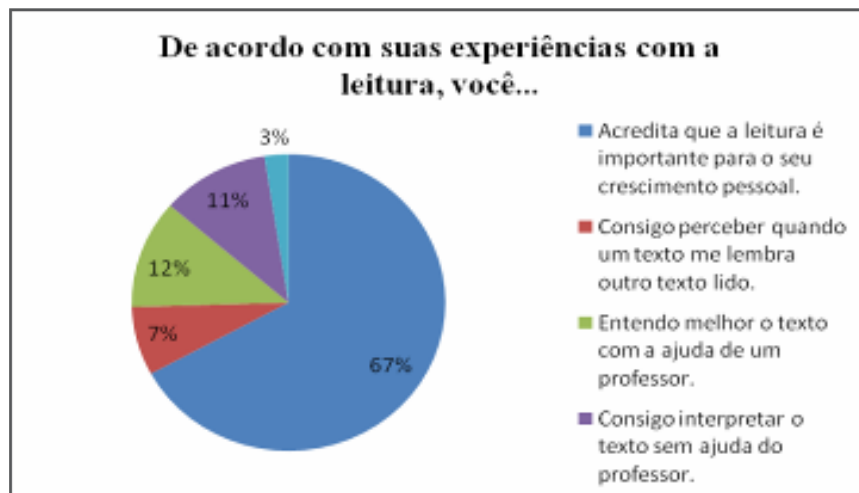
Porém, se os alunos chegaram até o ensino fundamental com um grau baixo de relacionamento, é porque realmente em casa não havia livros, pelo menos os adequados à sua idade. E se os alunos que afirmam comprar livros realmente comprassem, por ser um total de 56 alunos, um terço dos participantes, os resultados escolares seriam bem diferentes.

Vale destacar que, tendo em vista o perfil socioeconômico da escola, muitos dos alunos que afirmaram “comprar” livros, pode ser que não o façam efetivamente.

Comprovamos a hipótese empiricamente e em sala de aula. Ao perguntarmos para uma aluna, que estava lendo a revista “Horóscopo”, se ela possuía livros em casa, a menina deu um suspiro profundo e respondeu: “*Quem dera que eu tivesse livro em casa, não tenho livro nem aqui na escola...*”. Assim, supomos ser evidente que a falta de acesso direto aos livros influencia na trajetória de leitura dos alunos, e usar a biblioteca é opção concreta. Pegar emprestado com amigos ou receber doação, como responderam alguns alunos, é obra do acaso.

No entanto, mesmo que estes alunos e alunas tenham pouco acesso aos livros, são conscientes da importância da leitura em suas vidas, como pode ser observado no gráfico a seguir.

Gráfico 1



Fonte: Dados da Pesquisa

Se por um lado, houve um quantitativo de 67% que acreditavam na leitura, outro grupo menos expressivo, de 12%, acreditava que, com a ajuda do professor, poder-se-ia também relacionar melhor com os textos. Não obstante, ao serem perguntados sobre o incentivo dos professores, 41% dos alunos responderam que sempre eram incentivados, 44% às vezes, 11% nunca, e 4% apenas eram incentivados em datas comemorativas. E, no intuito de verificar se os professores estavam aproveitando a biblioteca como recurso para suas aulas, foi perguntado se eles levavam os alunos à biblioteca. A resposta foi surpreendente.

Gráfico 2



Fonte: Dados da Pesquisa

Entende-se que muitas vezes a problemática da leitura está relacionada ao pouco acesso que os alunos têm aos livros, e em alguns casos também seus professores. Contudo, é difícil compreender que depois de haver uma estrutura toda montada na escola não haja empenho por parte dos docentes em melhorar sua prática e fomentar um melhor desempenho também de seus alunos.

Para Kramer (2001), “É impossível tornarmos nossos alunos pessoas que leem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores [...]” (KRAMER, 2001, p.103). Concordando com Kramer (2001), Maia (2007) destaca que “é preciso que o professor goste de ler para estimular o interesse do aluno através do seu exemplo.” Pode-se perceber, na afirmação dessas autoras, que talvez muitos professores não trabalhem com a leitura, independentemente da matéria que lecionem, justamente porque fora da escola também não sejam leitores e, por conseguinte, não desempenham seu papel na formação de novos leitores.

A fim de continuar conhecendo o tipo de literatura a que os alunos tinham mais acesso, perguntamos sobre autores e obras que já haviam ouvido falar e que estavam relacionados à literatura brasileira clássica, literatura brasileira atual, clássicos da literatura universal e novos clássicos da literatura universal moderna como os chamados “best-sellers”. Fizemos uma lista com dez autores e eles podiam marcar o número de opção que desejassem.

Tabela 1 - Autores que já ouviram falar.

Autor	Sim	Não
Monteiro Lobato	123	38
Clarice Lispector	39	122
Shakespeare	28	133
Maurício de Souza	72	89
Thalita Rebouças	36	125
Castro Alves	33	128
Gonçalves Dias	34	127
Jorge Amado	93	68
Fernando Pessoa	44	117
Stephanie Meyer	9	152

Fonte: Dados da Pesquisa

Nesta primeira tabela, não houve surpresa que o mais conhecido dos autores fosse Monteiro Lobato. De certa forma, é muito gratificante que um dos grandes nomes da Literatura Infantil Brasileira ainda seja lembrado por seu público. Esta associação deve ter a ver com o programa “Sítio do Pica-pau Amarelo”, que foi reeditado em dois momentos depois de sua estreia, em 1977. A primeira reedição foi em 2001, com uma roupagem toda nova e, em 2010, houve outra reedição, desta vez em forma de série animada, formato digital, diferente do programa original, exibido até final de 1986. Maurício de Souza ficou em terceiro lugar, com uma popularidade muito boa e mais contextualizada dentro do universo infanto-juvenil, já que eles afirmaram gostar tanto de gibis.

O segundo autor mais conhecido foi Jorge Amado, e também fazemos relação deste conhecimento com a apresentação da Minissérie Gabriela, escrita pelo autor, que foi ao ar em 2012, na Rede Globo, no ano anterior à realização desta pesquisa. A grande surpresa foi a autora menos conhecida ser Stephanie Meyer, tendo sua popularidade apenas entre 9 alunos. A causa do assombramento se encontra justamente por ter sido a obra mais conhecida pelos participantes da pesquisa, como pode ser visto a seguir.

Tabela 2- Obras que já ouviram falar.

Obras	Sim	Não
Crepúsculo	136	25
Capitães de Areia	22	139
Sonho de uma Noite de Verão	31	130
Navio Negreiro	40	121
A Hora da Estrela	16	145
A Moreninha	14	147
A Cabana	25	136
O Pequeno Príncipe	75	86
Dom Casmurro	15	146
O Cortiço	27	134

Fonte: Dados da Pesquisa

A contradição entre as informações das tabelas está no fato de que, se por um lado, a autora Stephanie Meyer é menos conhecida entre os adolescentes da escola pesquisada, por outro lado, seu livro *Crepúsculo* é o mais conhecido entre os mesmos adolescentes. Este tipo de contradição mostra parte do pouco relacionamento que os alunos possuem com aspectos simples que envolvem a leitura, como saber o nome do autor de um livro, ainda mais quando esteve tão comentado na mídia nos cinco últimos anos. Talvez, o conhecimento dos alunos em relação ao livro *Crepúsculo* esteja muito mais relacionado ao filme do que propriamente ao livro.

A segunda obra mais popular entre os alunos foi *O Pequeno Príncipe* e, por se tratar de um clássico, talvez já tivessem ouvido falar deste livro por seus pais e familiares, ou talvez pela célebre frase: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”.

Já a terceira obra mais conhecida entre os alunos foi *Navio Negreiro*. Não saberíamos associar algum fator específico para que os alunos tivessem conhecimento deste texto. As hipóteses que podemos levantar para certo conhecimento deste texto seriam as aulas de história ou literatura, por ser um texto muito importante, ou mesmo uma questão cultural, tendo em vista a escola apresentar um grande número de alunos de origem negra.

Os clássicos da Literatura Brasileira como *A Moreninha*, *Dom Casmurro*, *Capitães de Areia* e *O Cortiço* ainda são bem desconhecidos para os alunos. No entanto, faziam parte do acervo inicial que estava na biblioteca da escola quando começamos o Projeto. Independentemente dos autores e obras conhecidas, o importante é termos presente que uma trajetória de leitura geralmente começa de forma tímida. E um resultado muito positivo que tivemos foi o aumento considerável do número de alunos que agora frequentava a biblioteca, passando de 19% para 54%. Em contrapartida, o número de alunos que não frequentavam diminuiu de 81% para 44%. Vale lembrar que só a estrutura física da biblioteca não traz nenhum benefício direto ao aluno, mas é sempre um começo.

Desse modo, fica claro que, à medida que o leitor vai lendo textos do seu interesse, vai navegando por novos caminhos, fazendo viagens que o permita descobrir novos mundos, e este próprio relacionamento (leitor, autor, texto) faz com que o leitor tenha curiosidade em saber o nome do autor, conhecer mais sobre sua vida, assim como o leva a ler mais livros deste mesmo autor ou escolher estilos próximos de leitura.

CONCLUSÃO

A leitura ativa, não aquela que apenas decodifica as palavras, pode ser considerada uma grande aliada tanto no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, como em sua formação pessoal. Deste modo, objetivo deste Projeto de extensão era montar uma biblioteca em uma escola municipal em Campos dos Goytacazes, a fim de que alunos do 6º ao 9º anos pudessem ter acesso ao mundo da leitura.

Através de observação na sala de aula, aplicação de questionários, atividades lúdicas e abertura da biblioteca, foi possível conhecer um pouco das experiências que os alunos tinham com a leitura por meio dos livros que liam (ou não), pelo trabalho desenvolvido por seus professores, pela frequência na biblioteca e pelas intervenções espontâneas feitas ao longo das interações com a equipe do Projeto.

A partir da análise dos dados recolhidos, verificamos que o descobrimento do tipo de literatura que se encaixa no perfil do aluno é fundamental. Muitas pessoas não gostam de ler porque ainda não

descobriram um tipo de literatura que a envolva de forma especial. O gosto pode começar talvez por um texto curto de um determinado assunto e, aos poucos, se cultivado, vai ampliando para textos mais longos e de temas diversos. Nesse caso, é importante que haja também um desejo íntimo do aluno em querer aprender, que tanto pode vir dele mesmo, como pode ser estimulado pela família ou pela escola.

Por outro lado, tendo em vista que a leitura é tida por muitos alunos como “obrigação”, “sacrifício”, e nunca como “prazer” ou “encantamento”, faz-se necessário uma associação da leitura com liberdade de escolha do gênero desejado. Algumas vezes, o relacionamento com a leitura se torna tenso porque o aluno tem uma preferência e lhe é imposta outra modalidade, ou mesmo outros autores, fazendo com que ele desista de ler.

Vale destacar que, juntamente com a liberdade de escolha, deve vir também o direito de abandonar a leitura e começar outra sempre que não haja identificação com o que se está lendo. É claro que este aspecto é mais válido para a leitura pessoal e nem sempre para a leitura escolar. Entendemos que, dentro de um relacionamento significativo com a leitura, ninguém deveria ser obrigado a ler algo que não proporcionasse certo prazer. Por isso, a troca de texto ou gênero é sempre positiva para fortalecer ainda mais o relacionamento literário.

De forma muito clara, foi constatado também que o grau de leitura dos professores influencia diretamente no comportamento leitor dos alunos. O tipo de leitor que o professor é, os livros paradidáticos que ele escolhe para a turma, independentemente da matéria, pode influenciar neste relacionamento, assim como o incentivo direto através de atividades em sala de aula, atividades dirigidas na biblioteca e recomendação de livros. Os alunos e alunas precisam de referenciais de leitura para desenvolverem um melhor relacionamento com a mesma, quer seja referência de seus professores, pais e/ou amigos.

Em face disso, este Projeto de extensão teve como desejo principal atender parte de uma demanda social e educativa, colaborando com o fomento a leitura. Para Severino (2007), a universidade tem um compromisso com a sociedade e deve trabalhar também a partir de suas necessidades. Nesse sentido, faz-se necessário que nossos alunos não sejam apenas leitores de perfis de redes sociais, mas tenham acesso a distintas literaturas que possam colaborar com sua aprendizagem efetiva. Do contrário, como dizia o mestre Freire (2009), estaremos formando apenas “letores” e não leitores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.

ARMELIN, M. A. M. de O.; GODOY, M. C. F. de. Formação de mediadores de leitura: sistematização de duas experiências. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v.1, n.1, p. 59-85, dez. 2011. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br> Acesso em: 12 jul. 2014.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2009.

GALLI, F. C. S. Discursos sobre a leitura na contemporaneidade: entre o texto-papel e o texto-tela. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 51.1, p.175-192, Jan./Jun. 2012.

GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.

KATO, Mary A. **No mundo da Escrita**. São Paulo: Ática, 1993.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência-notas sobre o seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.) **A magia da linguagem**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A; SEPE, 2001.

MAIA, Josiane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Nelson M. **Integração e aprendizagem**. São Paulo, SP: Vozes, 2007.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.) **Leitura**: perspectivas disciplinares. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p.18-29.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6.ed. 5.reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

Artigo recebido em:
14/1/2015

Aceito para publicação em:
23/06/2015